

A Mística Sem Terra: Espaço de Formação Popular

Luís Carlos Soares da Silva

Graduando da Universidade estadual da Paraíba-UEPB, luixk007@bol.com.br

Luana do Nascimento Camilo

Graduanda da Universidade Estadual da Paraíba-UEPB

INTRODUÇÃO

A trajetória dos movimentos sócias no Brasil traz consigo uma forte valorização da educação, constituída de maneira que não seja só uma educação voltada para as praticas formais, mas carregada de valores, dando-lhes uma conotação diferenciada por não ser presa a informação, mas a formação integral do sujeito enquanto protagonista de sua historia e reconhecedor de sua cultura, origem e papel social. Tal concepção é tida como herdeira das bases teóricas-filosoficas da Teologia da Libertação e das reflexões realizadas através da Pedagogia Freiriana constituídas na educação popular e libertadora. Estas concepções relacionam religiosidade, realidade sociocultural, política, ideologias marxistas, produzindo-se assim uma diversidade de representações e elementos socioculturais próprios das organizações das classes populares.

Nesse contexto, a mística do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) se destaca por sua rica representação simbólica dos valores e da identidade do Movimento construídos historicamente, como também pela presença em diversos espaços e momentos ao longo de sua história de organização das lutas dos camponeses brasileiros por reforma agrária.

O MST é um dos movimentos sociais do campo com maior destaque no Brasil, por suas manifestações, atos públicos, organização e trabalho em diversas arias de interesses das comunidades camponesas. O movimento surgiu no inicio da década de 80, fruto da articulação de outros movimentos campesinos da região centro-sul do Brasil, desarticulados no período na ditadura militar, apoiados pelas ações pastoras das igrejas Católicas e Luteranas que atuavam nessas regiões. Despertando admiração, mas também críticas de setores da sociedade brasileiras, principalmente as elites agrárias.

O Movimento vem desenvolvendo junto a seus membros um forte trabalho de cultivo dos valores (éticos, políticos, educacionais, culturais, humanos, etc.) como instrumento de formação e consolidação de sua identidade coletiva, tendo a mística como um dos principais instrumentos de representação e transmissão desses valores. Mas o que seria, afinal, a mística? O que se esconde ou o que se revela a partir da mística?

A mística pode ser entendida tanto no campo dos valores, como na expressão cultural ou celebrativa de um grupo social. Quando falamos de valores, falamos de convicções, ideais, sentimentos, motivações fortes que levam uma pessoa a pensar, sentir e agir de tal modo. A mística pode ser pensada como algo do subjetivo do sujeito social de diversos símbolos com a bandeira, ferramentas de trabalho, e diversos outros elementos próprios do Movimento assim como seu hino é a chamada materialização.

O Movimento Sem Terra é reconhecido e respeitado por sua valorização e incentivo a educação, criando formas e métodos que respeitam a realidade do campo, das culturas de raiz e demais aspectos do povo do camponês, tão atingido pela exclusão causada pelo analfabetismo.

O ponto de partida para o contato com o Movimento e sua mística, bem como a construção do presente trabalho foi a participação no Projeto “Aprendizes da Terra” como Bolsista-Pesquisador por meio do Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA), política pública específica do governo federal cujo objetivo é estimular, propor, criar, desenvolver e coordenar projetos na área de educação nos assentamentos de reforma agrária, do Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA). Foi uma parceria entre a Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), a Fundação Parque Tecnológico da Paraíba (PaqTcPB) e o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) do Estado da Paraíba. O referido projeto se destinou a escolarização de Jovens e Adultos, bem como à formação de Educadores e educadoras das áreas de assentamentos/acampamentos, com uma proposta metodológica de educação do campo voltada para o projeto político-pedagógico do movimento, numa perspectiva que permitisse trabalhar a partir dos saberes e fazeres dos educandos e educadores assentados/acampados. Utilizando-se de elemento, próprio de sua identidade e metodologia, a mística, que era o principal diferencial das demais pedagogias formadoras.

OBJETIVOS

O presente trabalho propõe-se a apresentar, discutir e analisar a presença e contribuição da mística Sem Terra no processo de formação de educadores e educadoras no projeto “aprendizes da terra”/PRONERA-PB, bem como lançar um olhar sobre a função da mística no MST, a visão de formação para o Movimento e discutir as construções simbólicas numa perspectiva popular.

METODOLOGIAS

Buscando uma melhor construção do olhar a cerca da mística Sem Terra, elaboramos um passo a passo na caminhada de sistematização e dissertação da pesquisa a partir de levantamentos bibliográficos partindo de autores que já tem uma longa história de acompanhamento da trajetória do MST, como Roseli Caldart, Ademar Bogo e Leonardo Boff, assim como as visões de formação Freirianas. As visitas a campo foram uma atividade de destaque, já que a experimentação tem sido riquíssima na elaboração textual. A participação de eventos do movimento com seminários, marchas, abril vermelho, reuniões de brigadas, observando e registrando as místicas desenvolvidas nesses espaços. Realizações de entrevistas com os envolvidos no projeto, e membros do MST ligados a questão da mística, a qual ainda esta em fase de coletas e sistematização de dados.

A MÍSTICA: ESSÊNCIA DOS VALORES SEM TERRA

Estar em contato com os sujeitos protagonista das ações do Movimento, ou seja, os Sem Terra e o próprio MST é um campo fértil para desenvolver questionamentos a cerca dessa dimensão mística. Afinal que força é essa que faz homens e mulheres seguirem essa luta? De onde vêm suas motivações? Que mistério será que se esconde por traz do fazer e do viver essa mística?

O ser humano por si só já é um mistério. O mistério é a parte escondida por traz de cada coisa. Apalavra mistério vem do grego *mysterion*, que provem de *múiein*, que quer dizer perceber o caráter escondido, não comunicado de uma realidade ou intenção (Boff, 1992).

A cada momento nos deparamos com situações singulares, experiências marcantes, pessoas, lugares, coisas, seres... Que nos comovem e de alguma maneira nos desperta a

atenção, e o mais inusitado é que não conseguimos explicar simplesmente com palavras. Há uma esfera de mistério no ar.

Sobre isso Leonardo Boff depõe bem quando diz:

Por mais que conheçamos uma coisa concreta com o recurso das várias achegas (emocional, mítica, intuitiva, científica, holística), mesmo o mais material, quer o mundo infinitamente pequeno, quer o mundo infinitamente grande, sempre nos damos conta de que há ainda lacunas a confrontarmos com o infinitamente complexo - a pessoa humana, homem e mulher - aí tomamos consciência clara do que significa existencialmente, a nível experiencial, um mistério e a atitude face a ele é a mística. (1993, p. 25).

Essa não compreensão de imediato é o que desperta a curiosidade de se ver a funda a questão, porém como todo o mistério perderá sua essência se revelado. Portanto mais do que revelá-lo o MST busca cultivá-lo. Para o Movimento a mística tem um sentido todo especial, como relata Ademar Bogo: “a mística para os sem terra, é mais do que uma palavra ou um conceito. É uma condição de vida que se estrutura através das relações entre as pessoas e as coisas no mundo material. Entre idéias e utopias no mundo ideal” (2001, p. 15).

Como diz Leonardo Boff:

Mística significa o conjunto de convicções profundas, as visões grandiosas e as paixões fortes que mobilizam as pessoas e movimentos na vontade de mudanças ou que inspiram práticas capazes de afrontar quaisquer dificuldades ou sustentar a esperança face aos fracassos históricos. (1993, p. 35).

Ao destacarmos as visões grandiosas dos Sem Terras estamos enveredando no campo de seus valores, anseios, expectativas que como sabemos podem ir bem mais longe que a busca por um pedaço de chão, podem ir dês da “pequena utopia de todos comerem pelo menos uma vez ao dia, a grande utopia de uma sociedade sem exploração.” (BOFF, BOFF, 1998, p. 152-153).

Ademar Bogo, um dos mais influentes dirigentes do MST, enumerou os valores cultivados pelo MST em: solidariedade, indignação, compromisso, coerência, esperança, autoconfiança, alegria e ternura. Destacando ainda a resistência e a utopia.

No campo dos valores os militantes buscam cultivar a alegria que vem da luta e a ternura, que não significa perdoar o inimigo e deixá-lo ir para que se reabilite e volte mais preparado para nos atacar, porém, jamais desqualificá-lo enquanto ser humano. Todos esses valores são coroados pela utopia, que poderia ser comparada a um viver como se estivéssemos sempre nos preparando para um grande encontro. A “mística tem o poder de desenvolver dentro das pessoas, motivações que elevam a qualidade humana e impulsiona para a ação”. (BOGO, 2001).

A MATERIALIZAÇÃO DA MÍSTICA

Quando falamos em materialização, estamos nos referindo às formas que a mística Sem Terra toma corpo, dá forma, externa aquilo que vem como princípio motivador, o que é intenção, e então vêm à voz, o gesto, a postura corporal, os diversos símbolos que compõem o ambiente de mística. Esse termo é apresentado por Roseli Caldart, em *A Pedagogia Sem Terra*, no qual apresenta as diversas formas desta materialização, sendo um guia, ajudando-nos a desvelar os símbolos e elementos que a constituem.

Mas a mística também evoca a materialização (geralmente simbólica) neste sentimento na beleza da ambientação dos encontros, nas celebrações, na animação proporcionada pelo canto, pela poesia, pela dança, pelas encenações de vivências que devem ser perpetuadas na memória, pelos gestos fortes, pelas homenagens solenes que se prestam a combatentes do povo. Lembram os símbolos do Movimento, seus instrumentos de trabalho e de resistência, seus gritos de ordem, sua agitação, sua arte. (CALDART, 1999, p. 134).

O ser humano já é um ser simbólico por natureza. Os sinais, placas, monumentos, palavras, gestos, formas e objetos estão espalhados pelo mundo conotando sentidos e significados próprios a cada cultura ou comuns a todas. A vida social está cheia de sinais ou símbolos e a vida de religião é puro sinal. (COMBLIN, 1985, p. 293). A cultura define a importância e valor de cada símbolo, assim na cultura camponesa, a religiosidade, as tradições, costumes e os valores são cultivados com muito respeito, a pesar do massacre da cultura de massa presente nos grandes meios de comunicação.

Os símbolos não possuem tal tipo de eficácia. Mas eles respondem à um outro tipo de necessidade, tão poderosa quanto o sexo e a fome: a necessidade de viver num mundo que faça sentido. (ALVES, 1984, p. 34-35). E assim a emblemática contemplação dos símbolos e demais elementos dispostos no ambiente místico, nos leva a perceber um rico espaço de aprendizagens e construção cognitivas, como declara Freire, que há uma pedagogicidade indiscutível na materialidade do espaço (1996).

Segundo ALVES, em sua leitura de Max a respeito das construções simbólicas, descreva a seguinte sequência:

Voltemos por um instante ao trabalho não alienado, criador, livre, que Max imaginou. Sua marca essencial está nisto: o homem deseja algo. Seu desejo provoca a imaginação que visualiza aquilo que é desejado, seja um jardim, uma sinfonia ou um simples brinquedo. A imaginação e o desejo informam o corpo que se põe inteiro a trabalhar, por amor ao desejo que deve ser criado. E quando o trabalho termina o criador contempla sua obra, vê que é muito boa e descansa. (1984, p. 75).

As místicas, enquanto momentos celebrativo, são pensadas seguindo o espírito do momento, mas porem “deve estar voltada para o momento presente sem deixar de proceder o futuro”(Bogo, 1997), pois enquanto alimento para as utopias as místicas buscam despertar o olhar e a esperança no futuro utilizando de seus inúmeros elementos.

OS SÍMBOLOS, GESTOS E ELEMENTOS QUE A COMPÕEM

Reconheçamos então a seguir alguns dos diversos componentes da materialização da mística Sem terra, destacamos os que mais estiveram presentes no decorrer da caminhada pedagógica do Projeto de formação dos educadores e educadoras do projeto “Aprendizes da Terra/ PRONERA”.

A mística enquanto momento celebrativo do MST assume um papel chave, trata-se da materialização dos ideais do Movimento, nela se expressa à causa da luta, a identidade Sem Terra, a origem camponesa, a cultura popular..., etc. Através de elementos como: músicas, versos, textos, cartazes, palavra de ordem, ferramentas de trabalho (enxada, foices, facões, etc.), objetos do cotidiano da vida e cultura do campo (frutos, artesanatos, roupas típicas, etc.), ambientes de acampamentos (lona preta, barracas, cercas, etc.), destacando os dois grandes símbolos dos Sem Terra, o hino, que motiva a utopia e convoca - "Venham, lutemos, punhos erguidos..."- e a bandeira, com o vermelho da revolução, o mapa do Brasil e a imagem dos "trabalhadores lutadores" do campo, que levam a todo o país e ao mundo a imagem do Movimento.

A FORMAÇÃO NA MÍSTICA OU A MÍSTICA NA FORMAÇÃO?

Durante o decorrer da caminhada pedagógica do Projeto Aprendizes da Terra, se vivenciou diversos momentos de mística sendo esse o maior diferenciador do modelo de educação do mundo urbano, da escola formalizada pelo Estado, perpassando por todos os momentos da vida cotidiana dos educadores/as e educandos/as. Considerado pelo movimento como um valor e um dos seus princípios educativos e formativos, a mística teve principal destaque nas etapas, ou melhor, nos seminários de formação dos educadores e educadoras Sem Terra que participaram do projeto.

Nos seminários de formação a mística se constituía do principal momento de abertura, convertendo-se em uma verdadeira celebração da vida, sonhos, saberes e fazeres dos aprendizes da terra, como assim eram tratados carinhosamente os/as educadores /as.

Planejada com antecedência por, às vezes, uma das brigadas, outras vezes envolvendo equipes levantadas no próprio encontro, com a participação de coordenadoras, educadores/as, bolsistas, etc. trabalhando temas como Reforma Agrária, Identidade Sem terra, Educação do Campo, Lutas, etc. A partir daí é que se colocam os elementos que materializam a mística. Uma simbologia rica em cores, gestos, sons e significados, que envolvia o ambiente e o íntimo dos presentes.

Após as místicas, estimulavam-se sempre o comentário ou debates a cerca das impressões e sentimentos despertados com a simbologia. Os coordenadores partilhavam suas lutas e dificuldades no decorrer do projeto, os/as educadores/as, suas limitações e anseios, experiências e descobertas, como também se motivava a esperança e cultivava-se a concepção de que estávamos no rumo certo, o de lutar pela concretização da educação do campo no campo, libertando os/as educando/as das amarras do analfabetismo.

Justamente por serem estes espaços de formação importantes para o entendimento das propostas metodológicas da educação do campo, da elaboração das práticas educativas, da construção da identidade e identificação com o MST, que a presença da mística pode ser observada como destaque e chamar a atenção para suas possíveis contribuições a esse processo. Levantando indagações a respeito dessa relação entre mística e formação.

É nesse espaço simbólico que a mística se apresenta como espaço de formação popular, ou seja, nela se faz uso de elementos do cotidiano, das lutas, das motivações e sonhos dos presentes em seus momentos de “manifestação”, ou melhor, de materialização. Ela é popular já que seus autores, quem pensa, planejam, prepara e constrói o ambiente de mística são populares, pessoas da comunidade, do movimento, que tem consigo os saberes das experiências acumuladas ao longo da vida, da luta, já que a verdadeira mística não se faz, se vive (BOGO, 2001). Através desses símbolos dispostos no espaço imaginado, trás a tona o imaginário, a subjetividade, a indignação, a memória, a esperança. À medida que se vai expondo fatos, expressando gestos, elevando-se cantos, proclamando palavras, ou seja, externando-se idéias, anseios, etc., vai-se despertando olhares, iluminando o discurso, levantando questões, provocando discussões, construindo posicionamentos, formando...

Formando politicamente a partir da análise crítica da realidade sociocultural, a percebendo como complexa e contraditória, dá destaque a conflitos sociais (reforma agrária, educação, moradia, etc.), observando as ideologias dominantes e abrindo caminho para a

construção de um projeto alternativo que se contraponha ao que impera, dando passos e visando a transformação social. Forma ainda humanamente quando materializa nas místicas relações de igualdade, solidariedade, diversidade e ternura.

Forma pedagogicamente numa perspectiva popular quando valoriza o cotidiano, a construção coletiva do saber, reconhece a dimensão pessoal, dialógica e participativa no processo da aprendizagem da pessoa utiliza-se de diferentes formas, métodos e linguagens, estimulando a criatividade, trabalhando com o lúdico tornando a aprendizagem prazerosa e integrada a realidade vivenciada.

Ao percebermos a noção de formação para o MST, vemos a questão da formação na ação e a formação programada. Como esclarece Caldart:

Do ponto de vista da formação dos sem-terra a reflexão sobre o sentido de vivenciar a mística no e do Movimento pode ser centrada em alguns dos aspectos identificados no processo de seu cultivo. Um deles é a relação entre a mística e a formação dos valores humanos que sustentam a escolha de continuar na luta. A raiz do sentimento, que é simbolizado e cultivado na mística, está nos valores que sustentam uma determinada concepção de humanidade, exatamente a que justifica certas opções históricas que o MST vem fazendo ao longo de sua trajetória. (...) Em outras palavras, a mística realiza uma espécie de ritual de acolhida, através do qual as pessoas passam a sentir-se parte do Movimento mesmo sem ainda conhecê-lo com mais profundidade. Exatamente como e porque isto acontece, faz parte do mistério, mas o MST sabe da importância dessa dimensão e, por isto, tornou-a uma prática internacional nas suas atividades de formação. (1999, p. 135).

Formar pensamentos, opiniões, formar pessoas, cidadãs e cidadãos em direitos e deveres. Verdadeiros sujeitos sociais. Buscar-se o que FREITAG afirma ao disser que “tanto profissionalmente quanto publicamente, o brasileiro de hoje precisa forma-se “na vida” “no trabalho”, “na rua”.” (2001, p. 28).

RESULTADOS PRELIMINARES

Contudo, podemos perceber que a mística é parte integrante da identidade Sem Terra, espaço propício para sua construção e veia pela qual circula a força que alimenta o MST, por tal motivo vemos o Movimento utilizando-se desse veículo para o enraizamento de sua pedagogia, de sua formação dos sujeitos e membros de seus diversos quadros.

Os resultados que dispomos são em boa parte dos relatos levantados no decorrer do projeto presentes em relatórios, observações, vivências das místicas, assim como de levantamentos bibliográficos. Em vista que a pesquisa encontra-se em fase de coleta e análise

de dados retirados dos questionários aplicados entre educadoras que atuaram no projeto, diligentes e lideranças ligadas a mística no estado.

Uma outra possível relação seria entre como a sociedade lhe daria com esse elemento, todavia” nossa cultura ainda não está muito segura de si mesma e sua mística ainda não se encontra bem definida”. (COMBLIN, 1985, p.289).

BIBLIOGRAFIA

- ALVES, R. O que é religião. 7ª ed. São Paulo: Abril cultural, Brasiliense, 1984.
- BOFF, L. BOFF, C. Como fazer teologia da libertação. 7ª ed. Petrópolis: Vozes, 1998.
- BOFF, Leonardo. Alimentando a nossa mística. In Mística: uma necessidade no trabalho popular e organizativo. Caderno de Formação N° 27, MST. 1993.
- BOGO, Ademar. Valores que deve cultivar um lutador do povo, in Valores de uma prática militante, Consulta Popular, Cartilha 09. 2000.
- BOGO, Ademar. A mística, razão da persistência. In o MST: A luta pela reforma agrária e por mudanças sociais no Brasil. Documentos Básicos. MST, 2001.
- CALDART, R. S. Pedagogia do Movimento Sem Terra. Petrópolis-RJ: Vozes, 1999.
- COMBLIN, J. A igreja e a sua missão no mundo. São Paulo: Paulinas, 1985. (Tomo III)
- FREIRE, P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 35ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996 (coleção leitura).
- FREITAG, B. O indivíduo em formação. 3ed. São Paulo: Cortez, 2001. (Coleção questão da nossa época, v. 30)